

misérias. Onde reina uma grande prosperidade, acumulam-se ao mesmo tempo os sofrimentos e onde há muita riqueza, há outrossim profunda penúria".

Mercê da máquina, essa "indigência" encarada como "injustiça" torna-se mais geral e mais impessoal do que nunca. Enquanto todo trabalho estava ligado a um pedaço de terra, a uma oficina determinada, a um lugar fixo, numa relação direta e pessoal, a injustiça guardava também uma feição direta e pessoal: era a injustiça praticada por êste ou aquele senhor para com seus servos, por êste ou aquele patrão para com seus aprendizes.

Mas a injustiça acarretada pela máquina se acha tão independente do torrão e da oficina quanto a própria máquina. Não tarda a se encontrar por tôda a parte aonde a industrialização traz o desemprego e salários insuficientes. Livre de qualquer laço que a prenda a um lugar ou homem determinado, a miséria agora cresce, transpondo as fronteiras, para chegar a cobrir o globo inteiro. Com a miséria, desperta a consciência duma injustiça sofrida.

Ao passo que, em tempos passados, aprendizes e oficiais se rebelavam contra seu mestre, camponeses contra seu senhor territorial, agora a revolta ultrapassa o antagonismo de origem pessoal. Ela passa a ser a sublevação de todos os desempregados, de todos os operários ocupados em trabalhos pesados, de todos os mal pagos contra todos os ricos senhores, pelo mundo todo.

Essa revolta já não pode mais tempo explodir somente contra os donos das fábricas de Nottingham, de Bombaim, de Port Said ou de Shangai, individualmente. Não, agora, ela visa o "explorador" em geral, quer viva cem anos mais cedo ou mais tarde, na zona tropical ou na temporada, aquém ou além dos mares.

Mercê da máquina, um abismo se abriu na humanidade, dividindo-a em dois campos. Doravante, dois partidos separados por uma hostilidade irreconciliável, erguem-se um em frente ao outro: patrões e operários, homens que dispõem de máquinas e outros que não têm outra coisa a oferecer senão seus braços. Fundamentalmente irreconciliáveis são os seus interesses — fixação dos salários, das horas de trabalho, organização da sociedade; em pleno antagonismo — todo o sentido de suas respectivas existências, o alvo de cada um dos seus esforços, a aspiração de seus sonhos e até sua felicidade e seu infortúnio.

E' com uma perseverança e um otimismo comoventes que desde os tempos mais remotos, o homem, graças às religiões e às teorias filosóficas, se tem esforçado por subjugar, nos seus semelhantes, o temor primitivo do Divino ameaçador.

Para banir êsse medo, vem o cristianismo ensinando que o homem fôra criado originariamente bom, que todo mal somente lhe fôra mágicamente inoculado pelo diabo e que, mercê da graça, essa obra diabólica pode ser anulada.

Rousseau, por sua vez, havia incriminado exclusivamente as falhas instituições sociais, das desgraças dêste mundo. Dêste modo, absolvera o homem do mal. Os homens, pretende êle, são, por natureza, moralmente perfeitos. Cada um sai bom e puro das mãos da natureza. E' unicamente a civilização que, em virtude de sua economia artificialmente organizada e de sua sociedade falsamente culta, tem afastado o homem dêste estado ideal.

A Revolução Francesa havia tentado reprimir a angústia primitiva e a primitiva desconfiança para com o próximo, proclamando, junto com a "liberdade" e a "igualdade", a "fraternidade", que, depois da desapareição da classe aristocrática, única culpada, havia de reinar entre todos os cidadãos desta terra.

Antes de tudo, é o liberalismo que se empenha com o maior devêlo à tarefa de fazer desaparecer, até o último vestígio, o temor de que um homem possa atacar a outro, prejudicá-lo, aniquilá-lo. Êsse estado de geral segurança que o postuldo revolucionário da "fraternidade" tem por missão garantir no futuro, não constitue, para a doutrina liberal, uma promessa simplesmente valida para melhores dias ainda por chegar. Longe disso, o liberalismo proclama a existência duma lei, vigente na humanidade e em tôda a natureza, desde a época mais remota e que assegura necessariamente, ao mesmo tempo, o proveito do indivíduo e o benefício de todos, de maneira que cada um possa agir de acôrdo com seu interesse particular sem porisso prejudicar a outrem. Daí resulta que o homem, tal, como está, a-pesar-de egoísta, vaidoso e interesseiro, torna-se, pelos motivos expostos, perfeitamente inócua para seus semelhantes. E' justamente o egoísmo que constitue o melhor regulador de tôdas as relações, porque do "livre jôgo das forças" resulta natural e fatalmente um estado social harmônico, a "maior felicidade do maior número".

Assim é que o liberalismo tenta libertar o homem do medo experimentado ante o egoísmo de seus semelhantes e convencê-lo de que os esforços dum indivíduo para alcançar à riqueza não representam uma ameaça para os outros.

O sonho dum mundo isento do medo, eis o que deverrealizar a harmonia liberal. E' para preparar seu cumprimento que o século XIX, nos seus começos, quebra todos os grilhões que têm até então peado o interesse particular de cada indivíduo. Essa era liberal não pode considerar a máquina senão como um outro meio grandioso para impulsionar a formação da grande harmonia. Graças à máquina, o egoísmo, preso dentro de limites por demais estreitos, vai poder expandir-se livremente ao infinito. Visto que todo interesse particular